

J.P. Cuenca

**Qualquer lugar
menos agora**

CRÔNICAS DE VIAGEM
PARA TEMPOS DE QUARENTENA

1ª edição



E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

Para Silvana Nassar

SUMÁRIO

Miichi em Akihabara /	13
A lenta na Zero Horas /	17
Raposas em Berlim /	19
A cópia da cópia em Macau /	23
A torre de Babel de Hong Kong /	27
Notas de Zagreb /	31
Parque Chas, o umbigo de Buenos Aires /	35
O farol do fim do mundo /	37
Flâneur de passeata /	41
Entrar em Gaza /	45
Sair de Gaza /	49
Jerusalém, Ramallah /	53
Ficar em Cabo Verde /	57
Julio Cortázar e o Old Navy /	59
As crianças obedientes e antigas da estação /	63
Enciclopédia de bares /	67
Kotti /	71
O menor melhor clube de jazz do mundo /	75
Carta de Lantau /	79
Boca de caeira! /	83
A pitonisa catalã /	87
Turnê mundial de karaokê /	89
Fantasmas em Óbidos /	93

Duas salas de museu /	97
O flâneur paulistano /	101
O robalo dos campeões em Lima /	105
O espectro do muro /	109
Um trem noturno /	113
Banheiro, Freud e spa em Viena /	117
A Imperatriz do Maranhão /	119
Três pistas de dança /	121
A experiência brasileira /	125
Encapsulado /	129
Onde nunca anoitece /	133
Dentro da neblina /	137
Entre o embarque e o desembarque /	139
O quarto de Agatha Christie /	143
Turismo capilar /	147
A corrida dos santos /	151
O primeiro visconde Montgomery de El Alamein /	153
Descarga en el Barrio /	157
Algo fora do lugar em Cingapura /	159
O olhar da dançarina /	163
Muros em Nova York /	167
O corredor polonês do Pari /	171
O purgatório da Bento Freitas /	175
Um encontro com o coronel Kurtz /	179
Cruzamento em Hanói /	183
A lata de Shinjuku /	187
Mercado de peixe /	191
Vamos supor, apenas supor, que eu tenha sido preso /	193
Weltfremd /	197
Solidão no País Basco /	199

A sala de Richard Serra em Bilbao /	203
Morar na elipse de Borromini em Roma /	205
O Estúdio Cinco de Fellini na Cinecittà /	207
A síndrome de anti-Dorothy /	211
Onde fica o fim do mundo /	215
As mãos que vêm do Haiti /	219

MIICHI EM AKIHABARA

(Tóquio / Maio, 2007)

É FIM DO DIA E CAMINHO pelas ruas mal iluminadas de Ueno. Depois que o mercado barulhento sob a linha do trem se esvaziou rapidamente, entrei num bar de Yakitori — quando saí, não havia mais movimento algum. Sigo a direção do viaduto acreditando que vou para um lado, e depois de vinte minutos andando na via escura chego noutro: Akihabara, meca planetária dos *otaku* que reúne as maiores lojas de eletrônicos, mangá e anime do país.

Numa esquina, sob a macarronada usual de néon, jovens vestidas como uma versão moderna de governantas da Era Vitoriana — meias soquete, saias rodadas estufadas por quilos de renda, aventais brancos e arcos na cabeça — distribuem propagandas de *maid cafés*, onde são protagonistas. Pego um papel e decido que minha experiência japonesa incluirá uma ida a um deles naquela tarde. Mas os prospectos são todos em japonês, assim como os mapas.

Uma das moças se compadece do *gaijin* e indica o caminho, numa mistura de inglês, japonês e gestos. Uma reta, a segunda à direita, seguir em frente. O lugar fica num prédio à esquerda depois de uns “três minutos de caminhada”.

No meio do caminho me perco. Quando olho para trás, percebo que a menina está me seguindo como uma assombração. Com extrema paciência, e guardando uma distância regulamentar de cinco metros atrás de mim, me conduz até um prédio no centro do enclave nerd da cidade. Na porta, me mostra o cartaz, o compara com o papel que me entregou minutos antes e aponta para o segundo andar. Avançamos pela portaria, ela chama o elevador e desaparece por trás de uma porta à direita.

Entro sozinho no ascensor e, quando a máquina abre a porta, um andar acima, ela me reencontra ofegante — subi de escada.

Sou recepcionado por uma gerente que entoia uma longa e incompreensível saudação em japonês. O café, claro e iluminado como qualquer lanchonete, está lotado de adolescentes. Ubíquos monitores de TV transmitem exóticos videoclipes de um dos principais produtos de exportação da América para o mundo, hip-hop comercial.

Além das garçonetes com roupas do século XIX, há outras figuras infantilizadas: um sujeito vestido de super-herói e outro de botas pretas e rabo de cavalo na altura da cintura. No geral, são típicos nerds, como os que se reuniam na praça São Francisco Xavier para jogar RPG na distante Tijuca carioca dos anos 1990.

Quando servem a bebida, as garçonetes vestidas em suas modas surrealistas agacham-se ao lado da mesa. Seguram o canudo no copo e o apontam para a boca dos clientes, que são tratados literalmente como mestres, com todos os pronomes de tratamento que isso pede. Todas, sem exceção, falam e se movimentam como se fossem criancinhas com a consciência de uma gueixa ou de um mordomo inglês. A emoção ao que

parece termina aí: ser servido e paparicado por lolitas de história em quadrinhos num Café Palheta genérico.

A menina que me guiou até o lugar, agora já no seu papel de garçonete, me pergunta o que quero beber. Peço um espresso, que aqui vale o quádruplo do que custaria num café normal. Quando me serve, pega o apoio do copo e diz:

— I am going to write my name.

E escreve “Miichi” com uma letra infantil. Eu agradeço e invento um nome para mim (em Tóquio, estou sempre inventando nomes). Depois ela pergunta, muito vagarosamente:

— Do you like cats?

Digo que sim. Miichi desenha um gato no apoio do copo e diz:

— It is a cat. Cute cat. It is for you.

Estranhamente comovido, agradeço. Meus colegas de *maid café* nas outras mesas parecem perdidos num transe extático, achando isso tudo maravilhoso. Peço a conta. Miichi me leva até a porta do elevador, despede-se sem pressa ao apertar o botão do térreo e executar a saudação japonesa em reverência e curvatura máxima, encarando o chão a 75 graus. As portas demoram a fechar — Miichi não vai abandonar sua posição até que isso aconteça.

A LENTA NA ZERO HORAS

(Cidade da Praia / Fevereiro, 2016)

UMA TRADIÇÃO INFELIZMENTE HÁ MUITO ABANDONADA no Brasil é o costume de dançar música lenta em salões e discotecas. Da festa junina à balada oitentista, passando por bailes de orquestra, a circunstância de dançar agarradinho sob compassos suaves foi, para boa parte do nosso povo, a primeira vez em que nos vimos nos braços de alguém.

“A hora da lenta”, dizíamos, quando o DJ interrompia um set de hits frenéticos para enfileirar uma sequência de baladas. Inicialmente, a pista abria-se num vazio medroso. As meninas e os meninos plantavam-se contra paredes opostas no salão do playground do prédio ou da matinê. Depois, era vencer a timidez e chamar a menina pra dançar. Priápico frenesi sob solos de saxofone. A descoberta da nuca e do cheiro dos cabelos da mulher colados na pele suada. Isso durava meia hora até que luzes coloridas voltassem a piscar e os casais se descolassem como tentáculos saciados, voltando a dançar aquilo que chamávamos música rápida.

Já na metade dos anos 1990, a lógica das festas excluiu a hora da lenta e isso nunca mais voltou. Mas por sorte existe Cabo Verde, a ilha de Santiago e sua capital, a Cidade da Praia. Ali, numa rua erma de galpões industriais na Achada Grande, há

uma boate-fortaleza cuja recepção é uma jaula dessas comuns à entrada de prisões ou fronteiras bastante guarneçadas. Após pagar quinhentos escudos cabo-verdianos por uma pulseira de papel e atravessar policiais e seguranças, entramos na célebre Discoteca Zero Horas, uma tradição local.

A boate tem cinco níveis de mezaninos, parte do teto aberto às estrelas e uma cabine suspensa de comandante-DJ na proa do barco com arquivos de biblioteca e algo de estação de rádio de ondas curtas. Ouvimos zouk eletrônico e kizomba em cadências suaves, apesar do grave ribombando pelas canelas. Por todas as partes, vemos casais entrelaçados em diferentes gradações de rebolado e amasso. Se isso aqui não for o xangri-lá ou a meca da música lenta é pelo menos um dos seus principais templos no mundo.

Bebo minhas cervejinhas Strela tentando disfarçar a comoção. Observo um foco de luz que ilumina certo casal no nível inferior do teatro. Ela tem um vestido verde colado na pele e cabelo black power, ele usa moletom e tênis branco, colar e pulseiras douradas. Movimentam-se lentamente, sobre plumas, o que não os impede de dobrar os joelhos, descendo na maciota, sem pesar.

De repente, o homem envolve a mulher um pouco mais com o braço direito e os dois executam o passo que transforma o encontro dos seus quadris no aleph da pista, para onde tudo converge: dançam cada vez mais lentamente, apenas a respiração dos corpos um contra o outro, até que se congelam, abraçados. E ficam ali, imóveis, até a próxima, protegidos por uma nuvem de fumaça e luz negra.

Ao fim da lenta na Zero Horas em Cabo Verde, essas estátuas voltam a mover-se e podem olhar para onde quiserem — jamais se transformarão em sal.

RAPOSAS EM BERLIM

(Berlim / Outubro, 2019)

OLOCUTOR ELETRÔNICO ANUNCIA POTSDAMER PLATZ quase ao mesmo tempo que, nos meus fones de ouvido, David Bowie canta sobre pegar o trem em Potsdamer Platz. Indiferentes à forja das coincidências, os passageiros entram e saem dos vagões ordeiramente ao sinal, com os mesmos olhares opacos. Abandonam o metrô comigo um grupo de estudantes com cabelos descoloridos, um pedreiro com galochas de borracha, uma jovem executiva com a maquiagem borrada, um morador de rua carregando garrafas de vidro. Nunca mais nos veremos novamente.

Cada um deles tem, ou terá em breve, uma cidade que não existe mais dentro de si. Em “Where are we know?”, de 2013, Bowie canta sobre levar os mortos para passear numa Berlim pretérita, mais parecida com a que conheceu em abril de 1976, quando fez seu primeiro show na cidade.

Antes do fim daquele ano, decidi abandonar o zoológico paranoico e alcaloide de Los Angeles para, depois de uma breve temporada num hotel-palacete em Grunewald, instalar-se no seu lendário apartamento de sete quartos num primeiro andar em Schöneberg, bairro genérico na parte ocidental da cidade. Ali morou, entre idas e vindas, pelos próximos três

anos. O alienígena finalmente encontrava outro Planeta. Bowie e Berlim jamais seriam os mesmos.

Chegou aqui em estado de colapso físico e mental, buscando anonimato e detox na cidade barata — isolada do mundo como uma ilha dentro do bloco comunista. Apaixonado pelo Expressionismo alemão, por Fritz Lang, por Brecht e pelo Krautrock, e com uma visão romântica da República de Weimar, Bowie sabia para onde estava indo — embora não fosse capaz de imaginar que em tão pouco tempo ultrapassasse sua crise concluindo uma trilogia de discos (*Low*, *Heroes* e *Lodger*) que mudaria a sua carreira e, com ela, a história da música popular. Especialmente em *Heroes* (1977), gravado com Brian Eno e Tony Visconti no Hansa Studio *by the Wall*, de onde eles podiam ver as estrelas vermelhas nos quepes dos soldados da torre de segurança do outro lado, quando Potsdamer Platz ainda era uma terra de ninguém destruída na Segunda Guerra e riscada pelo muro.

(E não podemos esquecer os dois primeiros álbuns solo de Iggy Pop, que Bowie produziu e ajudou a compor no mesmo lugar — ao mesmo tempo que trabalhava na sua trilogia. Se “Heroes”, a maior canção de Bowie, virou um hino da cidade e da queda do muro, “Passenger”, de Iggy, é uma ode ao S-Bahn, sistema de trens suburbanos que ele costumava usar até Wannsee. Sem falar de “Lust for Life” — eterna música-tema sobre ficar chapado em Berlim.)

O que Bowie fez por aqui enquanto estava fora do estúdio está disperso em entrevistas, livros, lendas e canções. Entre eufórico e deprimido, diz-se que foi expulso de um palco porque ninguém o reconheceu, que frequentava cabarés, que pintava num ateliê em casa, que quase se matou acelerando um carro contra uma pilastra numa garagem, que se separou da mãe do seu primeiro filho, que namorou uma *drag queen* (Romy

Haag faz disso uma carreira até hoje) e que não exatamente se desintoxicou, indo parar num hospital enfartado por uma overdose de cocaína.

Patti Smith escreveu na época: “Imagino Bowie em Berlim apaixonado pelo mundo inteiro ou totalmente morto.”

Talvez Bowie estivesse ocupando esses dois lugares ao mesmo tempo. Apaixonado pelo desconhecido, nos outros e nele mesmo, caminhando pelos vastos espaços e cicatrizes de Berlim, ele deixaria de ser, mais uma vez, quem era. Muito morto, profundamente acordado. Como tantos antes e depois dele, entre ruínas que ecoam o passado e uma *weltschmerz* difusa, Bowie se reinventou na cidade-portuária sem mar, mas com horizontes internos tão grandes quanto o céu aberto em seus parques.

Pensei em Bowie — e em você — na semana passada quando vi uma raposa. Era pouco mais que duas horas da manhã na Schönhauser Allee, artéria movimentada de Prenzlauer Berg, onde, durante o dia, automóveis, bicicletas, bondes elétricos e uma linha suspensa de metrô convivem sem hostilidade. Ali, de madrugada, sob o silêncio e a escuridão meio sépia que faz as esquinas de Berlim parecerem câmaras anecoicas, a raposa atravessava a rua lentamente.

Eu parei de caminhar, e a raposa me olhou com prateados olhos felinos — eles refletiam a luz dos postes como nas fotografias da nossa infância. Ela tinha o pelo castanho-avermelhado e um rabo longo, uma pena gigantesca suspensa no ar.

Como outros animais selvagens que povoam a cidade (gaxinins, castores, águias e javalis, até), as raposas vivem na vastidão de Berlim e suas florestas urbanas, trilhos abandonados e lagos. Navegam pelas ruas à noite de um ponto a outro da cidade aberta. Imigrantes eternamente em trânsito, como quem não pertence a lugar nenhum — como quem pertence a todos.